

DOSSIÊ

Cidade & Campo

Os novos proletários do mundo na virada do século*

Ricardo Antunes**

Resumo:

Este artigo examina o conceito de proletariado na atual fase do capitalismo, bem como as mudanças conceituais decorrentes dos processos de luta de classes neste final de século, à luz da crítica marxista.

Começo dizendo que é muito importante a existência de uma revista desta qualidade, como *Lutas Sociais*, uma revista reflexiva, polêmica, plural, de esquerda, com participação acadêmica e institucional, dada pelo programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC. Isso porque, freqüentemente, as revistas acadêmicas recusam uma postura de esquerda e, por sua vez, as revistas de esquerda não conseguem muitas vezes manter a qualidade de algumas revistas acadêmicas. Talvez *Lutas Sociais* seja o melhor exemplo, pois é uma revista acadêmica de muito boa qualidade, que consegue manter-se como uma revista de esquerda. Por isso, inicio agradecendo o convite para fazer esta Conferência de lançamento deste novo número de *Lutas Sociais*.

O título da conferência, "Proletários do mundo na virada do século: lutas e transformações", é enormemente sugestivo e inspira um conjunto de questões, para entender a nova conformação do mundo do trabalho hoje, dos "novos proletários do mundo".

Penso que talvez possa, nesta discussão, levantar um conjunto de questões, para ao menos indicar o que são os *trabalhadores do mundo no final do século 20*, quem são os proletários do mundo no final do século 20. Por certo não são idênticos ao proletariado de meados do século XIX. Mas, muito mais certamente, também não são os não-proletários, os não-trabalhadores.

* Este texto é a transcrição da Conferência, com o mesmo título, quando do lançamento do número 5 de *Lutas Sociais*, realizada pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Transcrição feita por Heloisa Corrêa, doutoranda em Serviço Social pela PUC-SP.

** Professor Livre Docente de Sociologia do Trabalho no IFCH-Unicamp e autor, entre outros, de *Adeus ao Trabalho?*, Cortez, organizador de *Neoliberalismo, trabalho e sindicatos (A reestruturação produtiva na Inglaterra e Brasil)*, Boitempo e Coordenador da Coleção *Mundo do Trabalho*, Ed. Boitempo. Algumas idéias aqui desenvolvidas estão tematizadas em *Os sentidos do trabalho (Ensaio sobre a afirmação e a negação do Trabalho)*, no prelo, pela Boitempo.

É muito curioso que enquanto se amplia enormemente o conjunto de seres sociais que vivem da venda de sua força de trabalho, em escala mundial, tantos autores têm dado *adeus ao proletariado*, têm defendido a idéia do *descentramento da categoria trabalho*, têm defendido a idéia do fim de uma emancipação humana fundada no trabalho. O que vou aqui apresentar é um caminho de como é possível ir em sentido contrário a estas tendências, tão presentes e tão equivocadas.

Os trabalhadores hoje, se não são idênticos aos trabalhadores de meados do século passado, também não estão *em vias de desaparecimento* como, com diferenciações entre eles, defendem autores como Gorz, Offe, Habermas, e mais recentemente, Dominique Méda, Jeremy Rifkin, entre tantos outros.

Vou, portanto, desenhar uma análise contrária a estes autores, buscando compreender o que são os proletários do mundo hoje, ou, como chamei em *Adeus ao trabalho?*, a *classe-que-vive-do-trabalho*, a classe dos que vivem da venda da sua força de trabalho. Quero dizer, desde logo, que esta expressão não é tentativa de oferecer um conceito novo, ela é completamente diferente disto, é uma tentativa de caracterizar a ampliação e de entender o *proletariado hoje, os trabalhadores hoje*. Nós sabemos que Marx terminou *O Capital* quando iniciava sua formulação conceitual sobre as classes. Escreveu uma página e meia, um texto em que seguramente nos ofereceria um tratamento mais sistemático, mais articulado sobre as classes sociais, e em particular sobre o que é a classe trabalhadora.

Muitas vezes Marx (e também Engels) definiu a classe trabalhadora e o proletariado em geral como sinônimos. O livro de Engels *A formação da classe trabalhadora na Inglaterra* poderia se chamar também *A formação do proletariado na Inglaterra*. "Proletários de todo mundo, uní-vos", a célebre consigna do *Manifesto*, é muitas vezes traduzido como "Assalariados de todo mundo, uní-vos". Ou ainda, "A emancipação do proletariado é obra do proletariado", como a "emancipação dos trabalhadores é obra dos trabalhadores". Marx e o Engels usavam de maneira (quase) sinônima a idéia de trabalhadores e de proletariados. Talvez pudéssemos dizer que, na Europa de meados do século XIX, os trabalhadores assalariados eram predominantemente proletários industriais, eram centralmente proletários Industriais.

Pois bem: nosso primeiro desafio é procurar entender o que é a classe trabalhadora hoje, o que é o proletariado hoje, no sentido mais amplo do termo, não entendendo os trabalhadores ou "os proletários do mundo" como exclusivamente o proletariado Industrial. Eu diria, então, para começar a fazer um desenho desta problemática, que o proletariado ou a classe trabalhadora hoje, ou o que denominei de a *classe-que-vive-do-trabalho* compreende a *totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho e que são despossuídos dos meios de produção*. Esta definição marxiana e marxista me parece *inteiramente pertinentemente*, como de resto o conjunto essencial da formulação do Marx, para se pensar a classe trabalhadora hoje.

Neste sentido, eu diria que a classe trabalhadora hoje tem como núcleo central o conjunto do que Marx chamou de *trabalhadores produtivos*, para lembrar especialmente o *Capítulo Inédito (VI)*, bem como inúmeras passagens de *O Capital*, onde a idéia de *trabalho produtivo* é formulada. Neste sentido, eu diria que a classe trabalhadora hoje não se restringe somente aos trabalhadores manuais diretos, mas a classe trabalhadora hoje incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho *coletivo* que vende sua força de trabalho em troca de salário. Mas ela é hoje centralmente composta pelo conjunto de trabalhadores produtivos que são aqueles, lembrando de novo Marx, que produzem diretamente mais-valia e que participam também diretamente do processo de valorização do capital. Ela tem o papel central no processo de produção de mais-valia. No processo de produção de mercadorias, desde as fábricas mais avançadas, onde é maior o nível de interação entre trabalho vivo e trabalho morto, entre trabalho humano e maquinário científico-tecnológico, onde há maior interação entre trabalho vivo e trabalho morto.

Isto constitui-se como o núcleo central do proletariado moderno. Os produtos da Toyota, da Nissan, da General Motors, da IBM, da Microsoft, etc., são resultados da interação entre trabalho vivo e do trabalho morto, por mais que muitos autores, de novo Habermas à frente, digam que o trabalho abstrato teria perdido sua força estruturante na sociedade atual. À guisa de polêmica: se o trabalho abstrato (dispêndio de energia física e intelectual, conforme disse Marx em *O Capital*), perdeu a sua força estruturante na sociedade atual, como são produzidos os automóveis da Toyota, quem cria os computadores da IBM, os programas da Microsoft, os carros da General Motors, da Nissan, etc., só para citar alguns exemplos de grandes empresas transnacionais?

Mas, para avançarmos neste desenho mais geral do que é a classe trabalhadora hoje, é preciso dizer que ela engloba também o conjunto dos *trabalhadores improditivos*, novamente no sentido de Marx. Aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviços, seja para uso público, como os serviços públicos tradicionais, seja para uso capitalista. O trabalho improditivo é aquele que não se constitui enquanto um elemento vivo no processo direto de valorização do capital e de criação de mais-valia. Por isto Marx o diferencia do trabalho produtivo, aquele que participa diretamente do processo de criação de mais-valia. Improditivos, para Marx, são aqueles trabalhadores cujo trabalho é consumido como valor de uso e não enquanto trabalho que cria *valor de troca*.

Na virada deste século, a classe trabalhadora inclui também o amplo leque de assalariados do setor de serviços, mas que não criam diretamente valor. Este campo, do trabalho improditivo, está em ampla expansão no capitalismo contemporâneo, ainda que algumas de suas parcelas se encontrem em retração. Por exemplo, no mundo fabril hoje há uma tendência, que me parece muito visível, de redução e até mesmo em alguns casos de eliminação do trabalho improditivo, que passa a ser realizado pelo operário produtivo. Ele se torna, no

capitalismo da era mundializada do capital, ainda mais explorado, dá-se uma intensificação da exploração da força de trabalho. Muitas atividades improdutivas estão desaparecendo, isto é, aquelas que o capital pode eliminar. Isso porque o capital também depende fortemente de atividades improdutivas, para que as suas atividades produtivas se efetivem. Mas aquelas atividades improdutivas que o capital pode eliminar, ele assim tem feito, transferindo-as para o universo dos trabalhadores produtivos.

Os trabalhadores improdutivos, então, sendo geradores de um anti-valor no processo de trabalho capitalista, vivenciam situações que tem similitude com aquelas vivenciadas pelo trabalho produtivo. Eles pertencem ao que Marx chamou de falsos custos, os quais, entretanto, são absolutamente vitais para sobrevivência do sistema capitalista.

Então eu diria que: primeiro, o mundo do trabalho hoje é composto, como pensava Marx, pelo trabalho produtivo e também pelo improdutivo. O que há de novo nesta reflexão é tentar entender, no conjunto da produção do capital, o que é hoje atividade produtiva e o que hoje permanece como atividade produtiva.

Vamos agora para um segundo bloco de problemas: dado que todo o trabalho produtivo é assalariado, mas nem todo trabalhador assalariado é produtivo, eu penso que uma noção contemporânea de classe trabalhadora, que os "Proletários do Mundo na Virada do Século" *devem incorporar a totalidade dos trabalhadores assalariados*. A classe trabalhadora hoje é mais ampla do que o proletariado Industrial do século passado, embora este — o proletariado industrial moderno — se constitua no *núcleo fundamental* dos assalariados, deste campo que compõe o mundo do trabalho, uma vez que ele é *centralmente o trabalhador produtivo*. Quer ele realize atividades ou *materiais ou imateriais*. Quer atuando numa atividade manual direta, quer nos pólos mais avançados das fábricas modernas, exercendo atividades mais "intelectualizadas" (por certo em número muito mais reduzido), à qual referiu-se Marx, ao caracterizá-lo como "supervisor e vigia do processo de produção". (*Grundrisse*)

Neste desenho que estou fazendo, eu diria que o papel de centralidade ainda se encontra claramente no que nós chamamos de trabalho produtivo, do trabalho social e coletivo que cria valores de troca, que gera a mais-valia.

Mas, uma noção *ampliada* de classe trabalhadora hoje, me parece evidente e decisiva para se responder ao significado essencial da *forma de ser* desta classe e, desse modo, se contrapor aos os críticos do fim do trabalho, aos críticos do fim da classe trabalhadora. Se se quer, a título provocativo, *fazer a crítica da crítica*.

Offe, por exemplo, num ensaio que se tornou referência "O trabalho, como categoria sociológica chave?", atribuiu a perda da centralidade do trabalho, dentre outros elementos, ao fato do que o trabalho operário não é mais dotado de uma ética do trabalho. Mas eu perguntaria: desde quando para Marx o trabalho foi considerado central porque era dotado de uma ética? Este argumento teria sentido para Weber, mas não para Marx. A classe trabalhadora, para o segundo, é

ontologicamente decisiva pelo papel fundamental que exerce no processo de criação de valores. E na materialidade mesma do sistema, e *pela potencialidade subjetiva que isso significa*, que o seu papel se torna central. Então, a crítica de Offe, quanto ao descentramento do trabalho (em verdade, uma crítica weberiana a uma tese de Weber, a da prevalência da *ética positiva* do trabalho, para Marx — e para uma reflexão marxiana — não tem relevância. Marx tem uma profunda visão *negativa e crítica do trabalho assalariado, do trabalho fetichizado*. Nos *Manuscritos de 1844*, disse Marx, se pudesse, *o trabalhador fugiria do trabalho como se foge de uma peste*.

Muito bem, continuemos: pensar então nos proletários ou nos trabalhadores do mundo hoje, implica também em pensar naqueles que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando também o proletariado rural que vende a sua força de trabalho para o capital, os chamados bóias-frias das regiões agro-industriais. Este proletariado rural que vende sua força de trabalho, ele também é parte constitutiva dos trabalhadores hoje, da *classe-que-vive-do-trabalho*.

Os trabalhadores no final do Século XX, incorporam, também, — e isto me parece decisivo para infirmar, para recusar a tese da perda da importância do mundo do trabalho — em escala mundial, do Japão ao Brasil, do Estados Unidos à Coréia, da Inglaterra ao México e à Argentina, o proletariado precarizado, o que eu chamei no meu livro *"Adeus ao trabalho?"* como sendo "o subproletariado moderno, fabril e de serviços, que é *part-time*, que caracterizado pelo trabalho temporário, pelo trabalho precarizado, como são os trabalhadores dos McDonald's, dos setores de serviços, dos *Fast Foods*, que o sociólogo do trabalho Inglês Huw Beyon chamou recentemente, no mesmo espírito do que eu mencionava anteriormente como sendo a *classe-que-vive-do-trabalho*, como *operários hifenizados*, são operários em trabalho-parcial, trabalho-precário, trabalho-por-tempo, por-hora, o que um belo filme inglês, que passou aqui no Brasil no ano passado, *The Full Mont*, com muita ironia mostra um pouco do que é esse trabalhador inglês hoje, na fase das Industrias decadentes. *The Full Mont* (que aqui passou com o título *Tudo ou nada*), é uma bela fotografia daquilo que, com muita ironia — porque o filme é uma comédia, mas plena de sensibilidade —, mostrava, qual seja, a rudeza das condições de vida dos assalariados-desempregados ingleses, dos trabalhadores precarizados. Eles encontram trabalho nos supermercados, por exemplo, ganhando 3 ou 4 libras por hora; hoje tem trabalho, amanhã não tem, depois de amanhã tem, porém, sempre desprovidos completamente de direitos. Esse é o proletariado em tempo parcial, que eu chamo de subproletariado, *porque é o proletariado precarizado no que diz respeito as suas condições de trabalho e desprovido dos direitos mínimos do trabalho*.

É a versão "moderna" do proletariado do século XIX. Se em alguns setores (bastante minoritários) nós podemos encontrar, por um lado, um proletariado mais "qualificado e intelectualizado" (no sentido que o capital lhe confere), por

outro lado, é muito mais intensa a expansão, em todos os cantos do mundo, do operário mais precarizado, como as mulheres trabalhadoras da Nike, na Indonésia, que trabalhavam cerca de 60 horas por *semana* e recebiam 38 dólares por *mês*. Mulheres trabalhadoras trabalhando 240 horas por mês, produzindo milhares de tênis, para no final do mês não ter dinheiro para comprar um único par deles, pois um salário de 38 dólares seguramente não permite comprar um tênis Nike.

Vocês sabem que, segundo dados da OIT, há hoje, algo como 1 bilhão de homens e mulheres que trabalham que estão ou precarizados, subempregados — os trabalhadores que o capital usa como se fosse uma seringa — ou desempregados. A força humana de trabalho é descartada com a mesma tranqüilidade com que se descarta uma seringa. Assim faz o capital, e há então uma massa enorme de trabalhadores e trabalhadoras que já são parte do desemprego estrutural, são parte do monumental exército industrial de reserva que se expande em toda parte. Esta tendência tem se acentuado, em função da vigência do caráter destrutivo da lógica do capital, muito mais visível nestes últimos 20, 30 anos. Isso porque, por um lado, deu-se a expansão nefasta do *ideário* e da *pragmática* neoliberal e, de outro, pelo chão social conformado pela nova configuração do capitalismo, que tem sido denominada como a fase da reestruturação produtiva do capital, onde o toyotismo e outros experimentos de desregulamentação, de flexibilização, etc., têm marcado o mundo capitalista, mais intensamente após a crise estrutural iniciada nos anos 70.

Mas é claro que a *classe-que-vive-do-trabalho*, a classe trabalhadora hoje, os *novos proletários do final do século XX*, excluem o que João Bernardo chamou de os gestores do capital, aqueles que são parte constitutiva da classe dominante, pelo papel central que têm no controle e gestão do capital. Os altos funcionários, que detêm papel de controle no processo de valorização e reprodução do capital, no interior das empresas, e que por isto recebem salários altíssimos. Estes são parte deste sistema hierárquico e de mando, são parte fundamental do sistema de metabolismo social do capital, para lembrar a formulação de Mészáros, sistema de metabolismo social que subordina hierarquicamente o trabalho ao mando do capital. Os gestores do capital, por certo, não são assalariados e evidentemente estão excluídos da classe trabalhadora.

Esta nossa caracterização da classe trabalhadora exclui também, é evidente, os pequenos empresários, porque são detentores — ainda que em pequena escala, dos meios de sua produção — e exclui naturalmente aqueles que vivem de juros e da especulação. Então, compreender a classe trabalhadora hoje, de modo ampliado, implica em entender este conjunto de seres sociais que vivem da venda da sua força de trabalho, que são assalariados e são desprovidos dos meios de produção. É esta a síntese que eu faço da classe trabalhadora hoje, em *Adeus ao Trabalho?*: uma classe mais heterogênea, mais complexificada e mais fragmentada. Similarmente, o livro do Alain Bihr, *Da grande noite a alternativa (O movimento operário europeu em crise)*, que publiquei na coleção “Mundo do Trabalho”, da

Editora Boitempo, desenha sugestivamente os traços mais característicos do que é o proletariado europeu hoje.

Feito este recorte mais analítico, vou procurar, então, nesta segunda parte de minha apresentação, desenhar as características principais, empiricamente falando, da classe trabalhadora hoje.

A primeira tendência que vem ocorrendo no mundo do trabalho hoje é uma redução do operariado manual, fabril, estável, típico da fase taylorista e fordista. Este proletariado tem se reduzido em escala mundial, ainda que de maneira obviamente diferenciada em função das particularidades de cada país, da sua inserção na divisão internacional do trabalho. O proletariado industrial brasileiro, por exemplo, entre os anos 60 e fins de 70, teve um crescimento enorme. O mesmo se deu na Coréia, para dar outro exemplo. Mas aqui estou me referindo aos últimos 20 anos, nos países centrais e particularmente na última década para os países de industrialização subordinada, como o Brasil. O ABC paulista tinha cerca de 240 mil operários metalúrgicos em 80, hoje tem pouco mais de 110, 120 mil. No mesmo período, Campinas tinha 70 mil metalúrgicos, hoje tem 37 mil operários estáveis. Vocês se lembram que no passado uma fábrica, como a Volkswagen, dizia que era importante porque tinha mais de 40 mil operários. Hoje tem menos que 20 mil, produzindo, entretanto, muito mais. Isto quer dizer que hoje é sinônimo de "proeza e vitalidade" do capital citar uma fábrica que produz muito, com cada vez menos operários.

Vocês poderiam dizer, então, que tem razão o André Gorz quando ele vaticinou o *fim do proletariado*. Porque, nesta linha de argumentação, poder-se-ia dizer que o que está diminuindo, tende a desaparecer. Mas, acontece que há uma segunda tendência, decisiva (que o próprio Górz percebeu, até porque Górz é um cientista social inteligente, mas que não soube tratar analiticamente). Essa segunda tendência, muito importante porque contradita a primeira, é *aquela marcada pelo enorme aumento do assalariamento e do proletariado precarizado em escala mundial*. Nas últimas décadas, paralelamente à redução dos empregos estáveis, aumentou em escala explosiva o número de trabalhadores, homens e mulheres, em regime de tempo parcial, em trabalhos assalariados temporários. Esta é uma forte manifestação deste novo segmento que compõe a classe trabalhadora hoje, ou a expressão desse *novo proletariado*.

Terceira tendência: tem-se o aumento expressivo do trabalho feminino no mundo do trabalho, tanto na indústria quanto especialmente no setor de serviços. A classe trabalhadora sempre foi tanto masculina quanto feminina. Só que a proporção está se alterando muito. Na Inglaterra, por exemplo, hoje é maior o número de mulheres que trabalham em relação ao número de homens que trabalham. Em vários países europeus, cerca de 40 e 50% ou mais da força de trabalho é feminina. Inclusive porque, quanto mais se ampliam os trabalhos *part-time*, mais a força de trabalho feminina preenche este universo.

Esta tendência tem desdobramentos decisivos. Não posso expor em detalhes esta temática, mas as questões complexas que disto decorrem são enormes. Primeiro a incorporação da mulher no mercado de trabalho é, por certo, um momento importante da emancipação *parcial* das mulheres, pois anteriormente este acesso era muito mais marcado pela presença masculina. Mas, e isso me parece central, o capital fez isso à sua maneira. E de que maneira fez o capital? O capital reconfigurou uma *nova divisão sexual do trabalho*. Nas áreas onde é maior a presença de *capital intensivo*, de maquinário mais avançado, predominam os homens. E nas áreas de maior *trabalho intensivo*, onde é maior ainda a exploração do trabalho manual, trabalham as mulheres. É isso que tem mostrado as pesquisas, por exemplo, da pesquisadora inglesa Anna Pollert. E quando não são as mulheres, são os negros, e quando não são os negros, são os imigrantes, e quando não são os imigrantes, são as crianças, ou todos estes juntos!

E se a classe trabalhadora é tanto masculina quanto feminina, o socialismo não será uma construção só da classe trabalhadora masculina. Os sindicatos classistas também não poderão ser sindicatos só de homens trabalhadores; a emancipação do gênero humano contra as formas de opressão do capital, que nós sabemos serem centrais, decisivas, são mesclados com outras formas de opressão. Além das formas de opressão de classe, dadas pelo sistema do capital, a opressão de gênero tem uma existência que é pré-capitalista, que permanece sob o capitalismo e que terá vida pós-capitalismo, *se esta forma de opressão não for radicalmente eliminada das relações entre os seres sociais, entre os homens e as mulheres*. A emancipação frente ao capital, assim como a emancipação do gênero, são momentos constitutivos do *processo de emancipação do gênero humano frente à todas as formas de opressão e dominação*. Ou, como a rebeldia dos negros contra o racismo dos brancos, a luta dos trabalhadores imigrantes contra o nacionalismo xenófobo, dos homossexuais contra a discriminação sexual, entre as tantas clivagens que oprimem o ser social hoje. Eu diria que para pensar a questão da emancipação humana e da *luta central contra o capital*, estes elementos que estou discorrendo são decisivos. São, portanto, múltiplas as lutas emancipatórias.

Claro que a classe trabalhadora sempre foi também feminina. Mas era predominantemente feminina em alguns setores produtivos, como no setor têxtil por exemplo. Hoje ela é predominantemente feminina em muitas áreas, em diversos setores e especialmente no trabalho *part-time*, que se amplia no mundo inteiro nos últimos anos. Até porque o capital percebeu que a mulher exerce atividades polivalentes, no trabalho doméstico e fora dele, no trabalho fora de casa, e esta polivalência do trabalho da mulher, o capital tem utilizado e explorado intensamente. O capital percebeu a polivalência feminina no trabalho produtivo e se utiliza e explora isso intensamente. Já explorava o trabalho feminino no espaço doméstico, na esfera da reprodução, ampliando a exploração para o espaço fabril e de serviços. Articular as ações *de classe* com as ações *de gênero* tornam-se ainda mais decisivas.

Quarta tendência: há uma enorme expansão dos assalariados médios, no setor bancário, turismo, supermercados, os chamados setores de serviço em geral. São os novos proletários, no sentido de presenciarem um assalariamento e uma degradação intensificada do trabalho, conforme falamos anteriormente.

Quinta tendência: há uma exclusão enorme dos jovens e dos “velhos” (no sentido dado pelo capital destrutivo). Os jovens são aqueles que terminam seus estudos, médios e superiores, e não têm espaço no mercado de trabalho. Os jovens europeus, os jovens norte-americanos e também os jovens brasileiros não têm mais o seu espaço no mercado de trabalho garantido. Na Europa, a única garantia é a certeza do desemprego. Algo que já caracteriza também o nosso mercado de trabalho. E os trabalhadores de 40 anos ou mais, considerados “velhos” pelo capital, uma vez desempregados, não voltam mais para o mercado de trabalho. Vão realizar trabalhos informais, trabalhos parciais, *part-time*, trabalho informal, etc. Imaginem as profissões que desapareceram: inspetor de qualidade, por exemplo, que desapareceu da fábrica. O indivíduo que era Inspetor de Qualidade há 25 anos, uma vez desempregado, será que ele vai voltar para outra fábrica com uma nova profissão ou será que a fábrica vai contratar um trabalhador jovem, formado sobre os “moldes” da polivalência e da multifuncionalidade, pagando muito menos do que ganhava aquele Inspetor de Qualidade? A resposta é evidente. Ele tragicamente será um novo integrante do monumental exército industrial de reserva.

Ao contrário, portanto, de se falar em fim do trabalho, parece evidente que o capital conseguiu, em escala mundial, ampliar as esferas de assalariamento e de exploração do trabalho, nas várias formas de precarização, subemprego, *part-time*, etc. O essencial do toyotismo, já dizia Satoshi Kamata, em seu livro *Japan in the Passing Lane* (Pantheon Books, Nova York, 1982), uma reportagem clássica sobre a Toyota, que ele caracterizou como “a fábrica do desespero”. O principal objetivo do toyotismo era reduzir o “desperdício”. De modo metafórico: se o trabalhador respirava, e enquanto respirava em alguns momentos, ele não produzia, urge *produzir respirando e respirar produzindo e nunca respirar não produzindo*. Se pudesse o trabalhador produzir sem respirar, o capital permitiria, *mas respirar sem produzir não*. E nisto a Toyota conseguiu reduzir em 33% o seu “tempo ocioso”, o seu “desperdício”.

É por isto que a indústria automobilística japonesa, em 1955, produzia um volume de automóveis irrisório frente a produção norte-americana (somente 69 mil unidades frente a 9,2 milhões nos Estados Unidos) e chegou 20 anos depois com uma produtividade superior à dos norte-americanos. Empurrou a produtividade para cima. Os capitalistas japoneses chamavam os capitalistas norte-americanos e diziam: vocês tem operários lentos, seu sistema de produção é lento, vocês tem que reaprender conosco. Até porque, diziam ainda os capitalistas japoneses, “nós aprendemos com vocês, o toyotismo não é uma criação original

japonesa, ele se inspirou no modelo norte-americano dos supermercados, na indústria têxtil, etc.

Então, o que se vê não é o fim do trabalho, mas é a retomada de níveis explosivos de exploração do trabalho, de *intensificação do tempo e do ritmo de trabalho*. Vale lembrar que a jornada pode até reduzir-se, enquanto o ritmo se intensifica. E é exatamente isso que vem ocorrendo em praticamente todas as partes: uma maior intensidade, uma maior exploração da força humana que trabalha. Na outra ponta do processo de trabalho, nas unidades produtivas *de ponta* — que são é evidente, minoritárias, quando se olha a *totalidade do trabalho* — têm-se, por certo, formas de trabalho mais “intelectualizado” (no sentido dado pelo capital), formas de trabalho imaterial. Tudo isso é, entretanto, muito diferente do que se falar em fim do trabalho. E é muito visível hoje a vigência do que o Marx chamou de *trabalho social combinado*. Ele dizia: “Não importa se é operário mais intelectualizado, se é um operário manual direto, se ele está no centro, no núcleo do processo ou se está mais na franja dele, o importante é que ele participa do processo da criação de valores, de *valorização do capital* e esta criação resulta de um trabalho coletivo, de um trabalho social combinado, conforme disse no *Capítulo VI (Inédito)*, que aqui cito de memória. E se ele está subsumido realmente ao capital, se participa diretamente do processo de valorização deste mesmo capital, então ele é um trabalho produtivo.

A classe trabalhadora, os “trabalhadores do mundo na virada do século”, são mais explorados, são mais fragmentados, são mais heterogêneos, são mais complexificados, também no que se refere a sua atividade produtiva: é um operário ou uma operária trabalhando em média com quatro, com cinco, ou mais máquinas. São desprovidos de direito, o seu trabalho é *desprovido de sentido*, em conformidade com o caráter destrutivo do capital, onde as relações metabólicas sob controle do capital degradam não só a natureza, levando o mundo à beira da catástrofe ambiental, mas precarizam também a força humana que trabalha, desempregando ou subempregando-a, além de intensificar os níveis de exploração.

Não podemos concordar, portanto, com a tese do fim do trabalho e muito menos com o fim da revolução do *trabalho*. A emancipação dos nossos dias é centralmente uma revolução no trabalho, *do* trabalho e *pelo* trabalho. Mas ela é um empreendimento societal mais difícil, uma vez que não é fácil resgatar o sentido de pertencimento de classe, que o capital e suas formas de dominação (incluindo a decisiva esfera da cultura) procuram mascarar e nublar.

Durante a vigência do taylorismo/fordismo, no século XX, os trabalhadores por certo não eram homogêneos; sempre houve homens trabalhadores, mulheres trabalhadoras, jovens trabalhadores, qualificados e não-qualificados, nacionais e imigrantes, etc., isto é, as múltiplas clivagens que marcam a classe trabalhadora. É evidente também que, no passado também já havia terceirização (em geral, os restaurantes eram terceirizados, a limpeza era terceirizada, o

transporte coletivo, etc.). Deu-se entretanto uma enorme intensificação deste processo que alterou sua qualidade, fazendo aumentar e intensificar em muito as clivagens anteriores.

Ao contrário do taylorismo e do fordismo (que, é bom lembrar, ainda é vigente em várias partes do mundo, ainda que de forma muitas vezes híbrida ou mesclada), no toyotismo, na sua versão japonesa, o trabalhador torna-se, como escrevi em *Adeus ao trabalho?*, um déspota de si próprio. Ele é instigado a se auto-recriminar e se punir, se a sua produção não atingir a chamada “qualidade total” (essa falácia mistificadora do capital). Ele trabalha num coletivo, em grupos ou células de produção, e se um trabalhador ou uma trabalhadora não comparece ao trabalho, serão cobrados pelos próprios membros que formam sua equipe. É assim no ideário do toyotismo. Tal como a lógica deste ideário é concebida, as resistências, as rebeldias, as recusas, são completamente recusadas, como atitudes contrárias “ao bom desempenho da empresa”. Isto levou a que um conhecido estudioso, Coriat, dissesse positivamente que o toyotismo exerce um envolvimento incitado. Contrapondo-me fortemente a isso, caracterizo este procedimento como o de um *envolvimento manipulado*. Trata-se de um momento efetivo do estranhamento do trabalho ou, se preferirem, da alienação do trabalho que é, entretanto, levada ao limite, interiorizada na “alma do trabalhador”, onde este só deve pensar na produtividade, na competitividade, como melhorar a produção da empresa, da sua “outra família”. Dou um exemplo elementar: quantos passos um trabalhador conseguiu reduzir para fazer o seu trabalho? Estes passos reduzidos, em uma hora, significam tantos passos num dia. Tantos passos num dia, significam tantos passos num mês. E tantos passos num mês, significam tantos passos num ano. Tantos passos num ano significam tantas peças produzidas a mais, *criando-se um círculo infernal da desefetivação e da desumanização no trabalho: é o trabalhador pensando para o capital*. Assim quer o toyotismo e suas formas assemelhadas.

E há ainda uma questão muito importante: o taylorismo e o fordismo tinham uma concepção muito linear, onde a Gerência Científica *elaborava* e o trabalhador manual *executava*. O toyotismo percebeu, entretanto, que o *saber intelectual* do trabalho é muito maior do que o fordismo e o taylorismo imaginavam, e que era preciso deixar que o *saber intelectual do trabalho florescesse* e fosse também ele apropriado pelo capital. O que Jean Marie Vincent, entre outros, denominou como a fase de vigência do *trabalho intelectual abstrato*. É, em nossa formulação, aquele momento em que o dispêndio de energia, para lembrar Marx, torna-se dispêndio de energia intelectual, que o capital toyotizado incentiva para dele também se apropriar, numa dimensão muito mais profunda do que o taylorismo e o fordismo fizeram. Somente por isso é que o capital deixa, durante um período da semana (em geral uma ou duas horas), os trabalhadores aparentemente “sem trabalhar”, discutindo nos Círculos de Controle da Qualidade. Porque são nestes momentos que as idéias de quem realiza a produção florescem — indo além dos padrões

dados pela Gerência Científica — e o capital toyotizado sabe se apropriar intensamente desta dimensão intelectual do trabalho que emerge no chão da fábrica e que o taylorismo/fordismo desprezava.

É evidente que, deste processo que se expande e se complexifica nos *setores de ponta do processo produtivo* (o que não pode ser em hipótese alguma hoje generalizado) resultam máquinas mais inteligentes, que por sua vez precisam de trabalhadores mais “qualificados”, mais aptos para operar com estas máquinas informatizadas. E, na processualidade desencadeada, novas máquinas mais inteligentes passam a produzir atividades anteriormente feitas pela atividade exclusivamente humana, desencadeando-se um processo de interação entre trabalho vivo diferenciado e trabalho morto mais informatizado. O que levou Habermas a dizer, em minha opinião erroneamente, que a ciência transformava-se em principal força produtiva, substituindo — e com isso eliminando — a relevância da teoria do valor-trabalho. Ao contrário, penso que há uma nova-forma de interação do trabalho vivo com o trabalho morto, há um processo *de tecnologização da ciência que*, entretanto, não pode eliminar o trabalho vivo, ainda que possa reduzi-lo, alterá-lo, fragmentá-lo. Mas a tragédia do capital é que ele não pode suprimir definitivamente o trabalho vivo, não podendo, portanto, eliminar a classe trabalhadora. Entender um pouco da conformação desta classe trabalhadora hoje, foi, então, o que aqui procuramos fazer.¹

1. O que se encontra desenvolvido em *Os sentidos do trabalho (Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho)*, *op. cit.*